

GÊNERO E CIÊNCIA

Marcia Cristina Bernardes Barbosa*

Diversidade: Nos conte sobre teu processo de constituição de mulher cientista. Quais marcas de gênero percebes nesse processo?

A primeira vez que me percebi mulher foi no primeiro dia de aula. Éramos quatro meninas em uma sala com quarenta alunos. Eu fui a única a me formar. Durante a graduação, frente às dificuldades (que são muitas no curso de Física), eu sempre me questionava se aquilo era para mim. Era o ‘complexo de impostora’ em ação. Sobrevivi.

No mestrado e no doutorado, quando apresentava os trabalhos em eventos, outras pesquisadoras mais experientes me aconselhavam a assumir uma indumentária mais austera, mas masculina. Eu me rebelei. Uso minissaia. Os anos foram passando e fui notando que o

*Possui graduação, mestrado e doutorado em Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É pesquisadora nível 1B do CNPq, professora titular da UFRGS e membro titular da Academia Brasileira de Ciências. Tem experiência na área de Física, atuando principalmente em água e suas anomalias e soluções aquosas. Por seu trabalho anomalias dinâmicas da água ganhou o Prêmio L’Oreal e Unesco de Mulheres nas Ciências Física e o prêmio Claudia em Ciência, ambos em 2013. Em paralelo tem atuado em questões de gênero na ciência pelo que ganhou em 2009 a Nicholson Medal dada pela American Physical Society. Por seu trabalho junto à pós-graduação recebeu o Prêmio Anísio Teixeira da Capes. Atua como membro da diretoria da Academia Brasileira de Ciências.

‘Clube do Bolinha’ funcionava como uma rede para promover os jovens promissores, os homens que seriam a liderança no futuro. Nunca uma mulher entrava nesta lista. Eu decidi que seria a estrela principal da minha vida, com ou sem a ajuda do clubinho. Com os anos notei que ser ‘impostora’ em um mundo masculino é uma enorme vantagem. Sobrevivemos e trazemos uma carga de características femininas que são instrumentais para liderar um grupo de pesquisa.

Diversidade: No ano de 2013, por seu trabalho sobre anomalias dinâmicas da água, foste premiada pelo Prêmio Mulheres na Ciência, promovido pela L’Oréal e Unesco, na área da Física, e o Prêmio Claudia em Ciência. Como tens percebido a emergência dessas premiações, e quais os efeitos que as mesmas produzem no que tange a promoção da visibilidade das mulheres na ciência?

Este prêmio é muito importante por várias razões. Ele dá uma visibilidade para as ganhadoras [que é] enorme. Além disso, faz com que mulheres que nunca pensaram sobre os obstáculos em fazer ciência e ser mulher pensem no tema. Eu já atuava em gênero, e o prêmio para mim foi uma chancela para abrir mais portas para falar mais sobre ciência e mulher.

Diversidade: A partir de 2009, ano em que ganhou a Nicholson Medal dada pela American Physical Society, tens atuado de forma significativa em questões relacionadas ao gênero na ciência. Como vens desenvolvendo esse trabalho e quais potencialidades e desafios tens percebido?

A luta é grande. Em geral, mulher que atua em gênero é tida como incompetente. As pessoas acusam esta militância de ‘choradeira’. A minha resposta para estes ataques são os números que mostram mulheres competentes sendo excluídas, e como esta exclusão custa caro para a ciência. Falar de equidade e de diversidade implica trabalhar dobrado em ciência.

Diversidade: Em tua atuação como membro da diretoria da Academia Brasileira de Ciências, tens percebido mudanças no cenário científico brasileiro no que tange a participação das mulheres na ciência? Quais movimentos a Academia Brasileira de Ciências têm pensado/realizado com relação à visibilidade e inserção das mulheres nesse

campo de saber?

A Academia Brasileira de Ciências tem atuado incansavelmente em proteger a Ciência e Tecnologia no Brasil e para o Brasil. Isto implica nunca baixar a guarda. Ciência é sinônimo de desenvolvimento, mas infelizmente os nossos gestores não compreendem isso. A ABC demonstra isso o tempo todo. Em termos de gênero, atuamos intensamente no fórum das Academias para buscar formas de atrair e manter jovens mulheres interessadas em ciência. Fico contente em notar que as jovens pesquisadoras têm percebido a importância desse empoderamento das mulheres. Esta é uma mudança importante, mas a luta recém começou.

Diversidade: De que forma podemos promover a equidade de mulheres e homens na ciência? E nas escolas?

Desde a primeira infância, devemos oportunizar às meninas e meninos brinquedos iguais. As meninas precisam ser expostas à aventura de construir equipamentos, do espaço, do desenvolvimento tecnológico. Isso cabe a nós, família e professores. Ao mesmo tempo, precisamos contar a história das mulheres precursoras na ciência, nas artes, na sociedade em geral. Urge recontar a história dessas mulheres encobertas pela sombra de uma sociedade patriarcal.

Diversidade: Como podemos propor um trabalho, na escola e na universidade, de incentivo para inserção de meninas no campo da ciência?

Muitas são as formas de incentivar escolas. Financiamentos específicos são instrumentos importantes. Há alguns anos, o CNPq/MEC financiou meninas do ensino médio para fazerem pesquisas nas universidades. O Fundo Elas do Unibanco apropriou-se dessa ideia e igualmente lançou um edital denominado Elas nas Exatas. A sociedade precisa perceber que, para resolvermos os problemas de água, energia, meio ambiente... precisamos contar com 100% da população. Precisamos das mulheres.

Diversidade: Tens alguma sugestão de site, livro ou filme que contribua para discussão de gênero e ciência no espaço escolar?

<<http://movimentomulher360.com.br/>>

<<http://www.cnpq.br/web/guest/pioneiras-da-ciencia-do-brasil6>> (ver versões mais antigas também)

<https://www.ufrgs.br/meninasnaciencia/?page_id=9>

<<https://videos.ufrgs.br/ufrgstv/menu/lugar-de-mulher>>